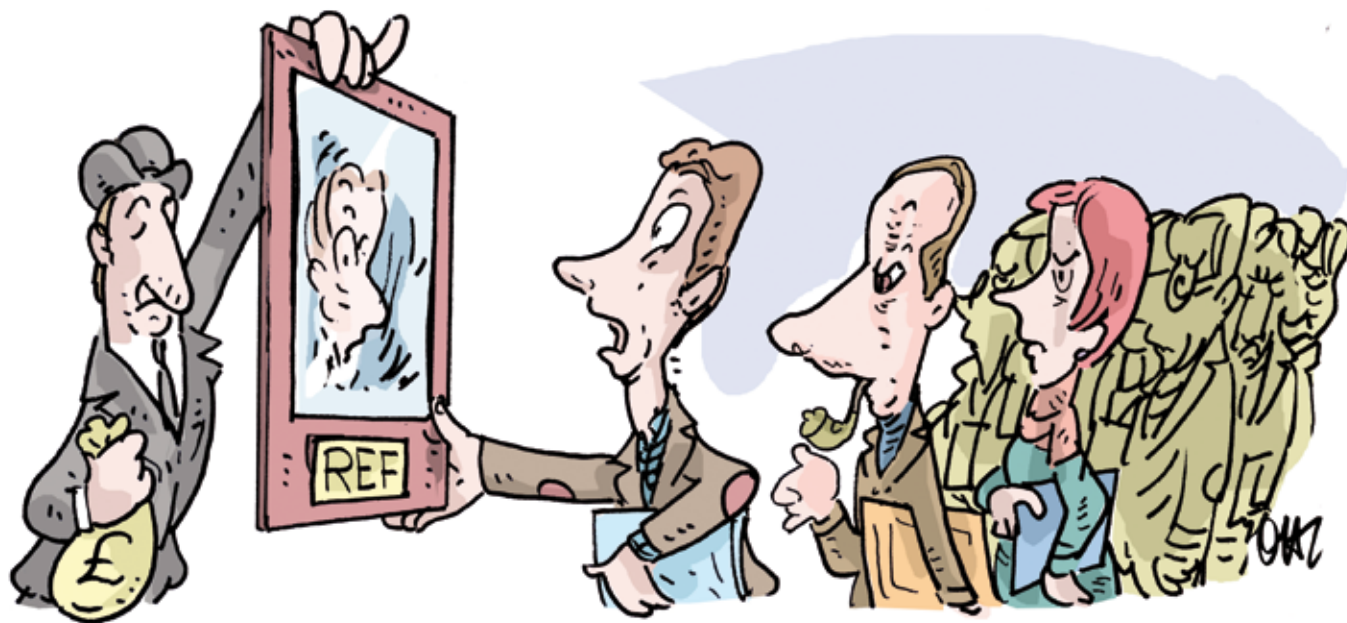


ATIVISMO CONTRA AMARGURA NO REINO UNIDO, BEM ALÉM DO “MARCO DE EXCELÊNCIA NA PESQUISA” (REF)

Richard Watermeyer¹

R.P.Watermeyer@bath.ac.uk

Tradução: Pedro Paulo Chieffi



De 145 mil pesquisadores acadêmicos elegíveis para inclusão na última avaliação de desempenho nacional do Reino Unido, o “Marco de Excelência na Pesquisa” (REF) 2014, apenas 50 mil foram avaliados. Ao que parece, 95 mil deles não estavam aptos a serem avaliados no contexto de sua potencial excelência. Significa que dois terços dos pesquisadores acadêmicos britânicos não figuram na estimativa de suas instituições. E que a noção de “excelência” articulada no REF é ainda mais tola do que se pensava inicialmente

A inevitabilidade da submissão de acadêmicos — respeitosa e oportunisticamente — a uma cultura de excelência nas universidades britânicas é mais do que confirmada pelo que parece ser o mais prolongado período de transição entre a última avaliação de desempenho de pesquisa nacional do Reino Unido, Research Excellence Framework (REF) 2014, e seu futuro sucessor, REF 2021². Reitores, aspirantes a reitores, vice-reitores, decanos, chefes de departamento, diretores de pesquisa, executivos experts em impacto e vários outros funcionários administrativos que povoam as universidades do Reino Unido se veem ocupados com mensagens, a apenas quatro anos do provável ponto em que todos os acadêmicos “elegíveis” para inclusão no REF 2021 — que, com base na recente revisão Stern do REF 2014 (2016), inclua toda a equipe de “pesquisa ativa” — devem concentrar sua atenção em manter suas publicações REF e estudos de caso de impacto prontos. O REF é, além de seu irmão mais jovem e menos proeminente, o Quadro de Excelência em Ensino (TEF) — o único jogo na cidade. E que jogo.

Para aqueles que não sabem, o REF é o sistema pelo qual a pesquisa com financiamento público é conduzida

por pesquisadores que trabalham em universidades do Reino Unido é avaliada por painéis de especialistas constituídos por acadêmicos e usuários. É o critério pelo qual os pesquisadores e as instituições a que são afiliados são considerados pessoas e lugares de excelência em pesquisa e, portanto, também merecedores de uma parcela, algumas maiores que outras, dependendo da medida de seu desempenho, das verbas governamentais. Financiamento relacionado com a qualidade (QR); estima-se que atinja cerca de £ 2 bilhões (mais de R\$ 10 bilhões) por ano para o setor de ensino superior do Reino Unido. O REF, portanto, conta muito nos contextos binários e coinformativos de 1) sustentabilidade financeira das universidades e 2) reputação institucional, estima e comercialidade. Seu valor para as universidades do Reino Unido é portanto, em muitos aspectos, inestimável.

Nesse contexto, talvez não seja surpreendente que todos os tipos de táticas, truques e alavancas de vantagem competitiva tenham sido relatados como executados pelas universidades para assegurar que a pesquisa que submetem ao REF seja a mais competitiva e que, consequentemente, obtenha resposta mais favorável dos integran-

tes do painel REF e retornos QR mais generosos. No meio do REF 2014, vários jogos foram praticados pelas universidades, o mais proeminente dos quais talvez seja o da hiper-seletividade na escolha do pessoal acadêmico que escolheram submeter — os números são impressionantes, pelo menos no contexto daqueles que foram excluídos. De um potencial de 145 mil pesquisadores acadêmicos elegíveis para inclusão no REF 2014, apenas 50 mil foram avaliados. Ao que parece, 95 mil pesquisadores acadêmicos não estavam aptos a serem avaliados no contexto de sua potencial excelência. Em vez disso, privilegiou-se uma política de selecionar as melhores propostas.

Na minha opinião, isso significa uma de duas coisas. Em primeiro lugar, que dois terços dos pesquisadores acadêmicos existentes no Reino Unido não figuram na estimativa de suas instituições. Em segundo lugar, a noção de excelência articulada no REF é ainda mais tola do que se pensava inicialmente — com o primeiro pensamento fundamentado na falta de sentido do termo “excelência”. Vistas as coisas de forma crua, e por mais que se valorize uma noção de excelência, o REF 2014 foi apenas uma medida parcial e altamente seletiva do desempenho de pesquisadores acadêmicos do Reino Unido, ou um exercício altamente dispendioso, envolvendo a confirmação daqueles considerados excelentes por suas instituições. Consequentemente, sendo o REF 2014 uma demonstração limitada da pesquisa no âmbito do Reino Unido e por marginalizar amplas faixas da comunidade acadêmica, a recomendação da submissão universal feita pela revisão Stern afigura-se, à primeira vista, um esforço genuíno para diminuir, senão erradicar, os efeitos deletérios sofridos pela “base” acadêmica de um sistema agressivo e notório de gerenciamento de desempenho e auditabilidade.

Uma recomendação de submissão universal parece representar algo, ainda que menor, na tentativa de aplacar e apaziguar aqueles que percebem no REF a emasculação da autonomia acadêmica, da autossoberania científica e a intensificação da regulação e controle governamentais e gerenciais. Todavia, alcança isso sutilmente e de maneira indireta, dizendo aos acadêmicos: “Vocês todos podem estar envolvidos”. Não se pode deixar de pensar, no entanto, que tal recomendação assemelha-se ao que Herbert Marcuse (2002) chamou de “dessublimação repressiva” ou uma miragem de democracia participativa:

se os acadêmicos se sentem envolvidos em algo, então, provavelmente, concordarão com prazer. Talvez muito do que é considerado errado com o REF se refira menos ao conflito com um ideal iluminista da ciência ou da universidade humboldtiana, e mais à negação aos acadêmicos da oportunidade de participar de seu jogo.

A argumentação contra o REF se deixou sequestrar pelo tema da participação desigual. Essa excessiva atenção a questões de participação deve ser interrompida. O sistema promove comportamentos indesejáveis e negligencia o papel da universidade como instituição pública

Eu tenho, como outros comentaristas, deblaterado fortemente para uma maior inclusão e participação igual dos acadêmicos no REF. Entretanto, agora estou preocupado em pensar que esse foco tem sido um pouco estreito, um toque redutor e um enfoque equivocado do quadro maior do que está errado. Talvez, na verdade, eu tenha sido vítima dos tipos de mesmerização quantitativa, o tipo para o qual eu frequentemente chamo atenção de meus alunos e colegas, que contam muito convincente e conclusivamente a história da não-participação. Agora, porém, quando analiso novamente, fico impressionado com o fato de que o argumento contra o REF se tornou excessivamente envolvido, se não sequestrado, pelo tema da participação desigual nele.

Embora seja inegável que a não-participação no REF 2014 tenha sido prejudicial para o tecido social da academia do Reino Unido, um sentido de companheirismo acadêmico, cidadania e espírito comunitário terá, talvez erroneamente, defendido maior participação e, portanto, concordância em vez de desengajamento. Além disso, a crítica não se desenvolveu nem progrediu; ao menos, não se traduziu de maneira significativa ou substantiva no ativismo. Tal forma de encarar a questão resulta no fato de que a comunidade acadêmica no Reino Unido aparentemente perdeu de vista sua capacidade de obter mudanças

positivas. Em vez disso, os acadêmicos preferiram privilegiar a patologização de sua profissão e coextensivamente se imobilizaram pela homogeneidade de sua (pseudo) desaprovação. De fato, a maldição do REF é algo que alguns acadêmicos não apenas embelezam, mas perversamente parecem gostar como oportunidade “legítima” de lamentar sua sorte e se entregar de modo quase masoquista à nostalgia de uma era de ouro que nunca existiu.

Como o objeto de sua insatisfação, que eles “amam odiar”, o REF também, no entanto, encoraja o opróbrio de seus detratores que detectam em suas diatribes e mitologias não o grito de injustiça, mas o lamento do narcisismo. É claro que os apologistas podem explicar e defender esse quase ritual de insatisfação acadêmica com base na crescente precariedade dos acadêmicos na era da neoliberalização da educação superior. Onde as universidades abriram mão de seu *status* e papel como santuários da pedagogia crítica e permitiram, aparentemente com pouca resistência, a desprofissionalização e despolitização de sua comunidade acadêmica, os acadêmicos tiveram que enfrentar o impossível desafio de conciliar demandas cada vez maiores de responsabilização com autonomia cada vez menor. O co-surgimento de sua complacência e reclamação talvez seja, ao mesmo tempo, profundamente concordante com um ideal de empreendimento acadêmico, inteiramente inevitável.

Uma excessiva atenção a questões de participação no REF deve, portanto, ser reconsiderada; de fato, interrompida. É essa mesquinhez que talvez tenha embotado e/ou distorcido o comentário crítico e, involuntariamente,

serviu para normalizar e até mesmo legitimar o REF como meio de controle na vida dos acadêmicos britânicos. Talvez também tenha consolidado e exacerbado o narcisismo típico da praga que A.H. Halsey (1995) chamou de “domínio erudito” e cuja percepção externa gerou desconfiança e justificou a implementação desse tipo de novas tecnologias de controle público, pensadas para *botar ordem* nos acadêmicos, como se fossem um bando de gatos. Assim, nos deparamos com a submissão dos acadêmicos ao REF como ambivalente e dicotômica, e levada a cabo, ainda, com um desdém afetado. O REF, em última análise, talvez revele uma tendência, uma propensão entre os acadêmicos de quererem ser contados, em vez de fazerem o que realmente conta.

A importância do REF como uma oportunidade para os acadêmicos prestarem contas é contestada com razão. É um sistema grosseiramente imperfeito que promove uma infinidade de comportamentos indesejáveis, que também causam a negligência do propósito e do papel da universidade como uma instituição genuinamente pública. Entretanto, os acadêmicos não devem fixar-se nas suas imperfeições; em vez disso, eles podem se valorizar por sua própria conta. Se o REF é o que atribui aos pesquisadores acadêmicos do Reino Unido sua identidade, eles devem utilizar sua autoimagem como ímpeto para a mudança. Se o que veem no espelho não lhes agrada, apenas a transgressão ativa e direta das regras do jogo pode produzir uma identidade diferente daquela ostensivamente impingida a eles. Fácil de dizer, difícil de fazer. No entanto, algo precisa ser feito.

NOTAS

1 Professor de Educação na Universidade de Bath, Reino Unido. Sociólogo da educação interessado em políticas, práticas e pedagogia da educação, está especificamente envolvido com sociologias críticas do ensino superior e se concentra no papel atual e futuro da universidade (pública), particularmente no contexto da comercialização, globalização e neoliberalização do ensino superior.

2 Quando o artigo foi escrito, o calendário formal para o REF2021 ainda não havia sido definido.

REFERÊNCIAS

Halsey, A.H. 1995. *Decline of Donnish Dominion*. Oxford: Oxford University Press.

Marcuse, H. 2002. *One-Dimensional Man*. Oxford and New York: Routledge.

Stern, N. 2016. “Building on Success and Learning from Experience: An Independent Review of the Research Excellence Framework”. https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/541338/ind-16-9-ref-stern-review.pdf